



A Súdita do Senhor dos Milagres e os Bastidores da Festa de Passos em Sergipe

The subjects of the Lord of Miracles and the backstage Party Steps into Sergipe

Magno Francisco de Jesus Santos*

Resumo

Todos os anos, no segundo final de semana da quaresma, é realizada em São Cristóvão a mais importante manifestação festiva católica de Sergipe. Trata-se da Festa de Passos, que reúneromeiros dos mais variados municípios sergipanos, com pagamento de promessas, práticas penitenciais e conflitos. Ao longo do século XX, uma pessoa importante que participou ativamente dos bastidores da solenidade foi Maria Paiva Monteiro, professora, religiosa, madrinha dos cristovenses e considerada a guardiã da memória da romaria dos Passos. Neste artigo, o foco central é compreender a trajetória de vida da beata Maria Paiva Monteiro, conhecida como Marinete, e seu envolvimento com os bastidores da romaria dos Passos. A devota do Senhor dos Passos participou de diferentes momentos da romaria e o seu testemunho oral é revelador sobre os importantes impasses que permearam a celebração, assim como sobre a devoção das famílias cristovenses ao Senhor dos Passos. Desvendar a sua trajetória biográfica implica revelar fontes orais significantes sobre a Festa de Passos, marcadas pelas experiências de uma tradicional família católica de São Cristóvão.

Palavras-chave: Romaria; Sergipe; Fontes orais; Festa; Memória.

Abstract

The Subject of the Lord of Miracles and the Backstage Party Steps in Sergipe Every year, in the second weekend of Lent is held in São Cristóvão the most important Catholic festival in Sergipe. This is the Feast of Steps, which brings pilgrims from many different municipalities in Sergipe, with payment of promises, penitential practices and conflicts. Throughout the twentieth century an important person that actively participated in the scenes of such ceremony was Maria Paiva Monteiro who was a teacher, a religious woman, and the godmother of São Cristóvão devotees. She was considered for these devotees the guardian of the memory of the pilgrimage of the Steps. In this article the main focus is to understand the scenes of the Stations of the pilgrimage from the life trajectory of the blessed Marinete. The devotee of the Lord of the Steps involved in different stages of the pilgrimage and his oral testimony is revealing about the important dilemmas and conflicts that permeated the celebration. In order to unveil blessed Marinete biography, it is necessary to reveal significant oral sources on the Feast of steps, marked by the experiences of a traditional Catholic family in São Cristóvão.

Keywords: pilgrimage; Sergipe; oral sources; party; memory.

Artigo recebido em 22 de fevereiro de 2011 e aprovado em 18 de maio de 2011.

* Doutorando em História na Universidade Federal Fluminense. Mestre em Educação pelo Núcleo de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Ciências da Religião pela mesma instituição. Atualmente é professor da Faculdade José Augusto Vieira. País de origem: Brasil. E-mail: magnohistoria@gmail.com

1 Introdução: os dobres da velha capital

Os sinos, então, conjugados por autênticos sineiros que cresceram nas torres, falam, chamam, soluçam, plangem. São argentinos, graves, fúnebres e dolentes, numa escala cromática de sons harmonizados ou díspares que rolando pelo espaço vão se perder nas quebradas da serraria imensa, levantando os corações para o alto. A gama sonora vai do pequeno toque ao grande dobre e é entrada, o sinal, a procissão. Procissão saindo, procissão entrando. Reza. Missa. Novena. Tríduo. Missa solene, com seu toque repetido e festivo. Repiquete no Carmo. Dobre na Abadia. A cidade acorda com os sinos (CORALINA, 2008, p. 14-15).

A poetisa goiana Cora Coralina destaca a importância dos sinos para uma cidade pequena. Entre suas inúmeras funções, podemos ressaltar a demarcação do tempo. O tempo sagrado festivo. O tempo sagrado fúnebre. O tempo sagrado penitencial. Em cidades históricas como São Cristóvão,² Sergipe, os sinos ainda desempenham papel relevante na sociedade. Do alto das torres de suas igrejas centenárias, o som estridente e melancólico se propaga pelos ares. É o anúncio de mais uma celebração. O chamado de mais um compromisso social.

Na cidade de São Cristóvão, os sinos demarcam também, em muitos casos, o ritmo da sociedade e das celebrações religiosas. Em solenidades católicas como a Festa de Passos,³ eles se destacam como elemento identitário, sinal do tempo penitencial. Os ruídos do bronze convocam devotos, homens e mulheres que deixam seus lares e buscam os templos religiosos. Aos primeiros dobres do sino grande do Carmo, dona Marinete⁴ deixava o orfanato e seguia para a Igreja Senhor dos Passos. Tinha chegado a hora de rezar pelo santo protetor. Eram os dobres de mais uma Festa de Passos.

² São Cristóvão foi fundada às margens do Rio Paramopama em 1590 por Cristóvão de Barros, após a conquista de Sergipe. A cidade foi a capital sergipana até o ano de 1855.

³ A Festa de Passos é celebrada todos os anos, desde o século XIX, na cidade de São Cristóvão, no segundo final de semana da Quaresma. Trata-se de uma solenidade de grande poder de aglomeração de fiéis, que se deslocam de diferentes localidades para a primeira capital sergipana, no intuito de pagar promessas. No evento, são realizadas duas procissões: a primeira, denominada Procissão do Depósito, acontece na noite de sábado, percorrendo o itinerário entre as Igrejas do Carmo e a Matriz, com a imagem velada do Senhor dos Passos; a segunda, denominada Procissão do Encontro, acontece na tarde de domingo e percorre o itinerário inverso, incluindo o encontro das imagens do Senhor dos Passos com a de Nossa Senhora da Soledade, que marca o ápice das celebrações.

⁴ Dona Marinete ou Maria Paiva Monteiro nasceu em São Cristóvão, filha do tesoureiro da Ordem Terceira do Carmo. Estudou na Escola Normal de Aracaju e formou-se professora, atuando no povoado Pintos e na Santa Casa de Misericórdia (Orfanato Imaculada Conceição). Ao longo da vida, foi secretária da Associação Nossa Senhora do Carmo e participou ativamente dos preparativos da Festa de Passos. Após a aposentadoria, foi morar com as irmãs no Lar Imaculada Conceição, onde faleceu em janeiro de 2004.

Nas caminhadas que fazia pelas ruas estreitas da cidade de São Cristóvão, dona Marinete encontrava vizinhos, amigos, ex-alunos, afilhados. Surgiam conversas, comentários sobre as expectativas da celebração que ia iniciar-se. Memórias fluíam nas conversas, mesclando lembranças pessoais com as da cidade. Os laços de afetividade eram reforçados, pois “a memória fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (POLLAK, 1989, p. 3).

Este trabalho tem o objetivo de compreender uma personagem de proeminência na organização da Festa de Passos: Maria Paiva Monteiro, conhecida como Marinete, que, ao longo do século XX, participou ativamente dos bastidores da maior romaria de Sergipe. O intuito desta investigação é entender a personagem em foco por meio de suas narrativas sobre a “festa maior de sua terra natal”, da leitura pessoal sobre a procissão penitencial do Senhor dos Passos. A memória familiar aparece mesclada com as memórias sociais de sua cidade, o individual abraça o coletivo. Não só isso. A trajetória da beata está intrinsecamente marcada pela devoção ao Senhor dos Passos e suas memórias corroboram os registros dos memorialistas da solenidade como Serafim Santiago, João Oliva Alves, Manoel Machado e Manuel Oliveira dos Passos Telles.

2 Seguindo os lentos passos

Entardecer da sexta-feira, duas semanas antes do carnaval. Em São Cristóvão, primeira capital de Sergipe, mulheres anciãs agem de modo diferente. Preparam o jantar mais cedo. Vestem-se de roxo. Saem de casa descalças. Andam em grupos pequenos pelas ruas da velha cidade. Saem de todos os bairros: da periferia, da feira, da cidade alta. Todas com o mesmo destino: a igreja da Ordem Terceira do Carmo.

Pelas ruas estreitas e enladeiradas da primeira capital de Sergipe, as mulheres se destacam nesse dia. Com passos lentos e nem sempre tão firmes, as devotas, com livretos devocionais nas mãos, seguem para o templo. Trata-se do dia do primeiro ofício do Senhor dos Passos, a primeira cerimônia preparatória da maior romaria sergipana.

Na igreja, povoada sobretudo por anciãs, o silêncio predomina. Olhares fitos na imagem do Senhor dos Passos, exposto no altar-mor. A expectativa do início de mais um ano de celebração toma conta do cenário. Mas ainda falta algo. Falta uma voz suave e

cansada, maculada pelo tempo. A voz que fazia jorrar as palavras, o canto piedoso, os clamores devocionais ao santo protetor.

Era o ano de 2003. Com a Igreja da Ordem Terceira do Carmo repleta de fiéis, as atenções estavam voltadas para a praça. De repente, estacionou um carro e dele saiu, lentamente, uma senhora com 90 anos. Apoiada em sua afilhada, ela caminhou lentamente pela nave central do templo. Seus passos podiam ser ouvidos por todos, tamanho o silêncio que predominava no ambiente. Ela seguiu até a primeira fila de bancos, onde havia uma cadeira. Ali, sentou-se.

Às seis e meia, o grande sino do Carmo dobrou. O som estridente e melancólico ecoou por toda a cidade. Eram dobres fúnebres anunciando o início de mais uma penitência, de mais um momento de devoção ao Senhor dos Passos. Simultaneamente aos dobres do sino, a velha senhora que acabara de entrar e se sentara na primeira fila iniciava o canto do Ofício do Senhor dos Passos. Essa senhora era dona Marinete.

A vida de dona Marinete esteve sempre relacionada com a romaria dos Passos. Pertencente a uma família católica, desde a tenra infância, ela acompanhava a concorrida procissão. Depois de adulta, participava ativamente dos bastidores da celebração maior da cidade de São Cristóvão. Ofícios, arrumação das charolas, reuniões de comissões organizadoras, criação de associações, tudo isso ocorreu ao longo do século XX com a presença dessa devota. Prova disso foram as reuniões da década de 70 do século XX, em que ela se tornou testemunha da extinção da Ordem Terceira do Carmo e assumiu o cargo de secretária da nova associação de leigos criada sob a tutela do arcebispo metropolitano de Aracaju, Dom Luciano Cabral Duarte.

Uma forma de melhor compreender os bastidores da romaria do Senhor dos Passos na velha capital dos sergipanos é, pois, seguir os passos da “madrinha dos cristovenses”, conhecer a trajetória histórica dessa mulher que dedicou grande parte de sua vida à educação e à religiosidade de seus concidadãos.

A pesquisa teve início a partir do levantamento de fontes sobre a festa de Passos, iniciado em 2002. Nesse período, foram realizadas entrevistas com os moradores e feito o levantamento de referências à procissão em jornais, obras memorialistas e no livro de tomo da Paróquia Nossa Senhora das Vitórias. Em todas as ocasiões em que interrogávamos os moradores de São Cristóvão sobre a documentação concernente à

procissão, a referência recebida era a mesma. Os moradores eram unânimes em informar que não poderíamos deixar de entrevistar dona Marinete, que “sabia tudo sobre as festas religiosas da cidade”. Ao longo das últimas décadas do século XX, a mulher de aparência frágil tornou-se um ícone da memória coletiva da cidade histórica de Sergipe. Era a referência.

Apesar das constantes indicações, só fomos entrevistar dona Maria Paiva Monteiro em dezembro de 2003. Estivemos com ela em dois sábados consecutivos, quando foi possível obter informações não só sobre a Festa de Passos, mas também sobre os embates dos bastidores na Paróquia Nossa Senhora das Vitórias. Como Dona Marinete havia lecionado no bairro Pintos, onde viviam os operários da cidade que trabalhavam nas fábricas de tecidos, ela nos falou também sobre educação em São Cristóvão e trabalho nas fábricas. O fato de ser professora em um bairro operário propiciou sua interlocução com o cotidiano da cidade, levando-a a atuar frente aos problemas locais. Na entrevista, ela falou também de sua relação com os romeiros. Durante as duas manhãs em que conversamos, a anciã, com seus noventa anos, explicitou com detalhes aspectos da velha cidade nas primeiras décadas do século XX, como as festas religiosas, as perseguições decorrentes da Segunda Guerra Mundial, as romarias ao Cristo Redentor, a chegada dos migrantes do sertão em busca de trabalho nas fábricas. Na fala da devota, cada aspecto se tornava revelador na compreensão de seu envolvimento não somente com a Festa de Passos, mas principalmente com a cidade como um todo. Eram indícios de uma relação de cumplicidade, sinais de uma trajetória de vida marcada pelo compromisso em diferentes campos (GINZBURG, 1989).

3 Memórias da infância

Ecléa Bosi, em sua investigação a respeito das lembranças de velhos, diz que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 2003, p. 39). Muitas vezes lembranças relevantes afloram em momentos inesperados, espontaneamente, sem que o investigador tenha oportunidade de fazer o registro. São algumas das limitações do pesquisador da memória oral. No caso em questão, antes da gravação da entrevista, tivemos uma conversa informal, na qual dona Marinete apresentou, de forma espontânea,

suas lembranças quase sempre referentes à primeira metade do século XX. Seria uma coincidência?

Nos dois dias de entrevista gravada, a situação permaneceu a mesma. A condução dos depoimentos se direcionou às décadas de vinte, trinta e quarenta, no máximo, já que a pesquisa tinha como marco temporal o início do século XX. Quando formulávamos questões relativas aos períodos mais próximos, sempre obtínhamos respostas curtas, com poucos detalhes, quase sem emoção, ao contrário do que ocorria relativamente a períodos mais recuados. A própria Ecléa Bosi discute essa predominância das lembranças dos tempos da infância e juventude:

Uma forte impressão que esse conjunto de lembranças nos deixa é a divisão do tempo que nela se opera. A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam. Difícil transpor a infância e chegar à juventude. Aquela riquíssima gama de nuances afetivas de pessoas, de vozes, de lugares. (...) O território da juventude já é transposto com o passo mais desembaraçado. A idade madura com o passo rápido. A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza. Mas, não: é o tempo que se precipita, que gira em torno de si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro. (BOSI, 2003, p. 415).

A ênfase em informações sobre a infância que verificamos na entrevista a dona Marinete é compreensível nessa perspectiva apresentada por Bosi. Também é perceptível que as lembranças a respeito dos eventos sociais da cidade de São Cristóvão foram apresentadas em meio à memória familiar, às lembranças individuais. Trata-se dos episódios que ocorreram na cidade e marcaram a trajetória de vida da menina que morava no casarão da esquina do Largo do Carmo com a Rua Direita do Carmo. Das janelas de seu casarão, ela acompanhava as solenidades, principalmente as religiosas, que constantemente eram realizadas nas ruas da velha capital. Um dos momentos que marcou sua infância foi a tradicional procissão do Senhor dos Passos.

Eu acho que tinha uns seis anos de idade, não é? E já era quase como agora, diferente porque não tinha eletricidade, então todo mundo colocava lanternas. Lá em casa já tinha lanternas prontinhas. Quando se chegava perto, ia se forrar de papel para colocar a velinha dentro e colocava [as lanternas] entre uma porta e uma janela. Havia espaço e colocava-se assim uma lanterna. Todo mundo tinha uma lanterninha para colocar nas ruas onde Ele passava à noite. (MONTEIRO, 2003).

As lembranças da anciã, eleita pela população local a mulher cristovense do século XX, evidenciam memórias marcadas pelo visual e pelas ações da família: os preparativos de uma família católica da cidade para a maior romaria de Sergipe, que atraía romeiros de praticamente todos os municípios. Na semana da Festa de Passos, a cidade recebia mais de cem mil romeiros, que se abrigavam embaixo das árvores e nas casas de pessoas desconhecidas. A população local se preparava para a sua principal solenidade com a iluminação das ruas e abrigo para os romeiros que chegavam de todo o interior sergipano. Em outro momento da fala, ela demonstra a devoção que sua família tinha ao Senhor dos Passos, que, na noite do segundo sábado da Quaresma, deslocava-se pelas ruas estreitas da cidade.

Meu pai nasceu em 1852. Muita coisa ele viu e outras ele apenas ouviu dizer e me contou. Por isso eu digo que a procissão é antiga. No meu tempo, quando tinha a procissão de penitência, com o Senhor dos Passos no encerro, era um momento de muita fé e respeito. Quando ele saía do Carmo Grande, papai mandava a gente (filhos) se ajoelhar e dizia: se ajoelhem e rezem, porque Papai do Céu tá passando aqui na frente de casa. (MONTEIRO, 2003).

A narrativa de dona Marinete é reveladora. Ela evidencia o aspecto solene da procissão e o respeito que os moradores mostravam perante a imagem sagrada. Nas duas falas, Maria Paiva Monteiro evidencia certa humanização da imagem do Cristo com a cruz às costas, por meio de termos como “ele passava à noite”. A julgar pelas palavras da testemunha ocular, a cidade não somente parava, mas também se curvava, iluminava os caminhos para a passagem do santo protetor. Outro aspecto importante expresso por Marinete é a relação identitária com o tempo. Ela se refere a “seu” tempo. A esse propósito, Simone de Beauvoir afirmava:

O tempo que o homem considera como seu, é aquele onde concebe e executa suas empresas. A época pertence aos homens mais jovens que nela se realizam por suas atividades, que animam com seus projetos. Improdutivo, ineficaz, o homem idoso aparece a si mesmo como um sobrevivente. É por esta razão que ele se volta tão prazerosamente para o passado: é o tempo que pertenceu a ele, onde ele se considerava um indivíduo inteiro, um ser vivo (BEAUVOIR, 1970, p. 459).

Em sua fala, dona Marinete busca evidenciar o passado glorioso de São Cristóvão, tanto no campo econômico, como no religioso e educacional. As lembranças afloram

permeadas pelos personagens de sua família e de seu convívio social. Na trama da memória, a nossa protagonista tece uma linha entre o tempo social e a memória coletiva.

Outro momento em que dona Marinete se refere a “seu” tempo é quando fala de suas lembranças do tempo escolar, associadas a um dos principais nomes da intelectualidade cristovense do período entresséculo: Baltazar Góis.

A minha professora do curso primário... ela era filha do professor Baltazar, Baltazar Góis. Eu acho que no tempo de vocês não se fala mais nesse povo não. Mas no meu tempo tinha na Escola Normal até uma sala: sala professor Baltazar Góis. Quer dizer que o homem ainda era até um pouco conhecido (MONTEIRO, 2003).

Dois momentos de sua trajetória educacional emergiram em sua fala. Primeiro, o curso primário, com a professora Baltazarina Góis, que se destacou no magistério feminino sergipano nas primeiras décadas do século XX. Segundo, o curso de formação, na tradicional Escola Normal de Aracaju, onde dona Marinete se formou como professora do ensino primário, uma das profissões mais nobres que uma mulher poderia exercer no início do século XX em Sergipe. Outra ocasião em que ela se referiu aos seus estudos na Escola Normal foi quando questionada sobre a Procissão do Encontro de Aracaju.

Agora em outros lugares, por exemplo em Itaporanga, é antes da Semana Santa, parece que no quarto domingo da quaresma. Em Aracaju é no Domingo de Ramos. Tem a procissão de Ramos de manhã e de tarde tem o Encontro. Não sei se ainda é. No tempo em que estudei lá era assim. O Senhor dos Passos sai da igreja de São Salvador, que é onde tem a imagem e Nossa Senhora da Soledade sai da Catedral. O Encontro dá-se ali, então ali, entre a Rua Itabaiana e aquela esquina da Travessa José de Faro. Ali naquele cantinho. Hoje tem um parque, não é? No meu tempo parece que ali tinha uma gruta. Ali naquele cantinho ali se dava o encontro. Quando eu estudava lá, isso em 1927 a 1931. (MONTEIRO, 2003).

As grandes festas das cidades de São Cristóvão e Aracaju vieram à lembrança de dona Marinete associadas às lembranças pessoais, principalmente em relação a sua formação. As procissões fizeram parte dos primeiros anos da trajetória da jovem professora. Outras lembranças afloraram, como a da figura paterna, também associada a forte religiosidade. As lembranças individuais se confundem com os episódios da história religiosa da velha cidade.

Agora eu não faço parte das festas religiosas daqui, que não posso. Mas da Festa de Senhor dos Passos mesmo eu faço parte da Associação Nossa Senhora do

Carmo, porque quem tomava conta da igreja de Nosso Senhor dos Passos era a Ordem Terceira do Carmo. Mas a Ordem Terceira é uma ordem e os franciscanos não podem meter o bedelho na outra. Então os carmelitas vinham todos os anos para introduzir novos membros. Meu pai era terceiro carmelita, era tesoureiro de lá. Era Horácio Pio Monteiro. Ele faleceu em 1924 e minha mãe entregou então o baú com as alfaias ao substituto que não me lembro bem quem foi, mas me parece que foi Secundino. Não me lembro bem porque eu era menina, eu tinha onze anos. Mas eu estava presente, viu. Mesmo porque minha mãe não tinha muita prática de contas e para conferir o dinheiro do fim do caixa e tudo mais. Eu fiquei e fiz as contas. Então até essa época os carmelitas é que vinham aqui (MONTEIRO, 2003).

Podemos perceber uma simbiose de episódios na fala de dona Marinete. Diferentes esferas de sua vida são mescladas com os acontecimentos de sua cidade. Marcas de sua vida pessoal são confundidas com fatos que permearam a história das ordens religiosas de São Cristóvão. Mas sua fala reflete muito além. Seu pai gozava de certa influência no campo religioso, principalmente na Ordem Terceira do Carmo, que era a responsável pela organização das procissões da quaresma, da Semana Santa e de Nossa Senhora do Carmo. Isso certamente contribuiu para a sua inserção no campo religioso e sua participação nos bastidores das celebrações.

4 Uma herdeira do Carmo

Após a conclusão do curso normal, a jovem Marinete se tornou professora na cidade de São Cristóvão. Primeiro atuou no povoado Pintos, onde viviam moradores pobres, quase todos originários de municípios do interior do estado que migraram para a velha capital em decorrência da grande seca de 1933 e das oportunidades de emprego nas fábricas de tecidos. Marinete se tornou professora dos filhos de operários de São Cristóvão.

Por sua situação intelectual privilegiada, foi convidada para lecionar no antigo orfanato Lar Imaculada Conceição, situado na Santa Casa de Misericórdia. Era uma leiga que atuava entre as freiras da Imaculada Conceição. Com o passar dos anos, depois de aposentada, foi convidada a morar com as irmãs, no orfanato. Solteira, sozinha e ativamente atuante nas organizações religiosas da cidade, Marinete passou a ser uma leiga com prestígio de religiosa. Vivia entre as irmãs da Imaculada Conceição, mas tinha um reconhecimento que se propagava por toda a cidade.

Na década de 70 do século XX, a Ordem Terceira do Carmo foi destituída e substituída pela Associação Nossa Senhora do Carmo, sob o comando do arcebispo da Arquidiocese de Aracaju, Dom Luciano Cabral Duarte. Maria Paiva Monteiro, que era secretária da Paróquia Nossa Senhora das Vitórias, foi escolhida pelo arcebispo para secretariar também a associação. Graças a essas atividades na igreja, foi escolhida para ser madrinha de centenas de crianças. Aos poucos, dona Marinete passava a ser Dinha Marinete. A trajetória de vida ia metamorfoseando a personagem. As lidas cotidianas lhe atribuíam novas funções sociais, do mesmo modo que lhe davam novas denominações.

No Carmo Pequeno, ela participou, desde os anos vinte, dos ofícios dos Passos. Naquela época, a paróquia estava sob o comando dos franciscanos, que não interferiam nas devoções particulares referentes ao Carmo. Era “um grupinho de devotas que rezavam com seus caderninhos nas mãos. Em 1925 um franciscano foi observar como era esse negócio e viu uma penúria” (MONTEIRO, 2003). Depois de observar a situação das devotas, o franciscano teria solicitado um dos exemplares do ofício manuscrito e enviado à Typographia Mensageiros da Fé, de Salvador, para produzir “os livrinhos devocionários” (MONTEIRO, 2003). Com isso, em 1940, frei José passou a participar dos ofícios e, alguns anos depois, introduziu uma missa na qual se rezava não só o ofício, mas também o terço. A cada ano, mais mulheres seguiam o ritmo dos sinos para o canto piedoso do ofício, para meditar sobre os sete Passos da Paixão. Sempre com sete sextas-feiras de culto sob o comando dos leigos. Sempre com a voz suave das mulheres. Sempre sob a batuta firme de dona Marinete.

Os três primeiros ofícios ocorriam com a imagem do Senhor dos Passos depositada no altar-mor da Igreja da Ordem Terceira do Carmo. No dia do quarto ofício, logo pela manhã da sexta-feira anterior à Procissão do Depósito, na segunda semana da Quaresma, a imagem do Cristo era retirada de seu local e arrumada na charola. Momento raro e presenciado por seletos grupo de devotos. O principal memorialista de São Cristóvão, Serafim Santiago, assim descreveu o ato solene de arrumação das charolas:

Desde a collocação da Sagrada Imagem na igreja – Ordem 3ª do Carmo, os antigos frades Carmelitas, de accordo com os músicos e o povo cristovense, instituíram a devoção de uma Missa com musica todas as 6ª-feiras às 7 horas da manhã. Terminado o sacrificio, na antevéspera da procissão dos Passos, ali se achava o pardo Justiniano da Silveira, homem popular e bom artista armador, acompanhado de outros rapazes a convite d’elle para cuidadosamente descia do Throno a respeitável Imagem e a condusia à mãos para a capella-mor da igreja do

Carmo, contigua à Ordem 3ª, onde já se achava sobre dois cavalletes a rica charola toda guarnecida de um lindo debucho moldado em fina e antiga prata, e sobre este desenho admirável, os 7 Passos gravados em pequenas redomas do mesmo metal galvanizado a ouro. Depositada a Imagem no centro da charola, elle Justiniano, que estava incumbido por antiga devoção, de despir e vestir novamente a referida Imagem; acto continuo, tratava, primeiro que tudo, de evacuar a Egreja, só ali ficando o velho sacristão - Maximiliano Teixeira de Jesus, e eu Serafim de Sant'Iago, pela grande consideração que a elle era dispensada pelas pessoas de minha família de quem era compadre e amigo velho, pois elle no acto de despir e vestir a Imagem, não admitia pessoa alguma, com especialidade meninos (SANTIAGO, 2009, p. 181).

A descrição detalhada do memorialista cristovense evidencia a preocupação que cercava o momento de troca de vestimenta da imagem do Senhor dos Passos. Tudo deveria ocorrer de forma discreta, distante dos olhares curiosos. Participar daquela ocasião era sinônimo de prestígio, do qual poucos moradores desfrutavam. A presença de Maria Paiva Monteiro a esse ritual a partir dos anos quarenta do século XX demonstra o prestígio que tinha entre os terceiros do Carmo.

Trocavam a túnica. Penteavam os cabelos longos. Levavam a cruz aos ombros do Senhor dos Passos. Um momento de respeito, presenciado somente por uma mulher: Marinete. A devota passou a lavar os pés da imagem do Senhor dos Passos, no dia em que ela era retirada do altar-mor e posta no andor. Usando uma esponja, a senhora limpava os pés do santo protetor. A água retirada dessa lavagem era guardada em garrafas e distribuída para os devotos. Era “a água dos pés do Senhor dos Passos, uma relíquia” (MONTEIRO, 2003).

Romeiros e moradores da cidade disputavam aquela água, que para muitos tinha poder de cura. A água passava a ser vista com um bem simbólico, algo que propiciava verdadeiros milagres. Nessa perspectiva, passava a ser algo além de própria natureza, pois se tornava sagrada (ELIADE, 2001). A partir desse momento, a imagem encontrava-se pronta para ser vista, homenageada, e deslocada pelas ruas da cidade. O Senhor dos Passos poderia sair dos bastidores. Dona Marinete, até então condutora dos preparativos, transformava-se em mais uma devota, apenas uma mulher cristovense orgulhosa de poder receber milhares de romeiros de diferentes pontos de Sergipe na maior festa católica do estado. A protagonista mergulhava entre os anônimos. Era apenas mais uma senhora que assistia sentada à saída da Procissão do Depósito e que via das janelas da Santa Casa de

Misericórdia a comovente cena “da dolorosa memoração da tragédia da Rua da Amargura: o encontro da formosa filha de Sião com seu filho unigênito” (SANTIAGO, 2009, p. 179).

A estética barroca era um dos sinais distintivos da Procissão dos Passos na velha capital (SANTOS, 2010). Imagens em tamanho natural, personagens representados por moradores e os romeiros em atos de desobriga metamorfoseavam São Cristóvão na Jerusalém dos tempos bíblicos. “Era o cristianismo ‘doméstico, lírico, festivo, de santos compadres, de santas comadres dos homens, de Nossas Senhoras madrinhas dos meninos. Feito dessas festas e procissões alegres, coloridas, um pouco profanas” (PEREZ, 2002, p. 44-5). É o universo constituído por leigos “que dinamiza as rezas, a devoção, as festas. Traz também as marcas de uma concepção mística de religião, através do milagre, do sacrifício e da penitência” (PASSOS, 2002, p. 173).

Conclusão: um silêncio no caminho dos Passos

Janeiro de 2004. Agrava-se o estado de saúde de Maria Paiva Monteiro. Fragilizada, ela é levada para a casa de uma sobrinha e posteriormente para o hospital. Eram seus últimos momentos. No início de fevereiro, ocorre seu último suspiro. Sete dias antes do primeiro ofício de Nosso Senhor dos Passos em São Cristóvão, falece dona Marinete, professora, religiosa, madrinha e com fama de santidade. O sino grande do Carmo Pequeno dobrou em ritmo fúnebre. A celebração da dor na velha capital iniciou-se um pouco antes do esperado.

Na sexta-feira seguinte, teve início o ofício da Paixão de Cristo, celebrando os sete Passos de Jesus a caminho do Calvário. Mais uma vez, centenas de senhoras caminharam com destino à pequena igreja da Ordem Terceira do Carmo. Mais uma vez, o sino dobrou em melodia tristonha. Mais uma vez a tradição se repetia. Mas havia algo diferente: havia um vazio. Dona Marinete, depois de oito décadas, estava definitivamente ausente. A memória viva de São Cristóvão silenciara. A tradicional Festa de Passos foi celebrada de modo mais triste do que de costume. Era uma nova fase na mais importante romaria de Sergipe.

Referências

ALVES, João Oliva. Manifestações religiosas, folclóricas e efemérides. In: FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XIX. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. p.

BEAUVOIR, Simone de. **La vieillesse**. Paris: Gallimard, 1970.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CORALINA, Cora. **Villa Boa de Goyas**. São Paulo: Gaia, 2008.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACHADO, Manoel Cabral. São Cristóvão e a procura do tempo perdido. In: **São Cristóvão Dei Rei**. Aracaju: Governo do Estado, 1969.

PASSOS, Mauro. O catolicismo popular. In: PASSOS, Mauro (org.). **Festa na Vida: Significado e Imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 165-190.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org.). **A Festa na Vida: Significado e Imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 15-58.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3. 1989, p. 3-15.

SANTIAGO, Serafim. **Anuario Christovense ou Cidade de São Christovão**. São Cristóvão: Ed. UFS, 2009.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus Santos. Os últimos passos de uma devoção: indícios da religiosidade de um nobre sergipano oitocentista. In: **Historien: Revista de História**. Petrolina. Vol. 3, 2010, p. 149-167.

TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. “Ao Romper do Século XX: o município de S. Christovam”. In: **O Estado de Sergipe**. Mar/Abr, 1917.